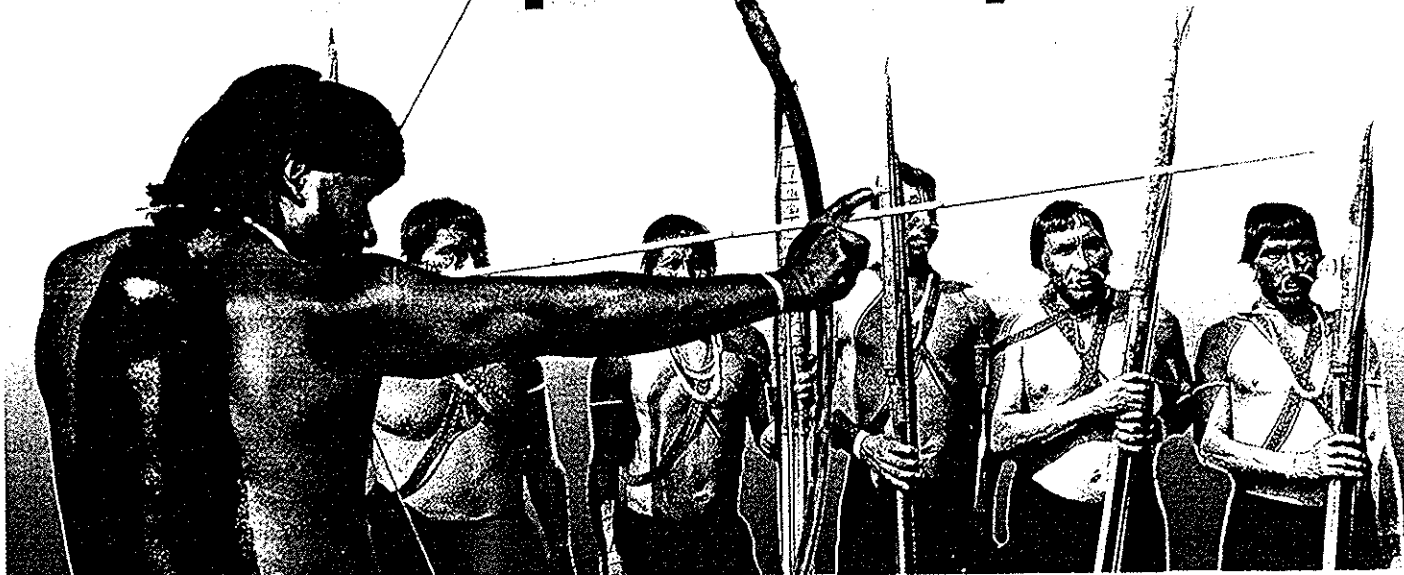




# Arco e flecha indígena pode ser esporte olímpico



O arco e flecha tão utilizado pelos povos indígenas ganha espaço no mundo esportivo e pode chegar aos Jogos Olímpicos. Os povos indígenas usavam muito este instrumento como arma de guerra, sendo que, atualmente, é usado para a caça e pesca. O arco, na maioria das tribos indígenas brasileiras, é feito do caule de uma palmeira chamada tucum, que é de cor escura, muito encontrada próximo aos rios. Os povos Gavião do Pará o confeccionam com a madeira de cor vermelha chamada auruerinha. As comunidades do Xingu utilizam o pau-ferro, o aratazeiro, o pau d'arco e o ipê amarelo. Os índios do alto Amazonas utilizam muito a pupunha e as tribos do tronco Tupi são as únicas que, às vezes, utilizam a madeira das palmeiras.

O padrão do seu tamanho obedece a necessidade de seu uso e a cultura de cada povo. Já a flecha é feita de uma espécie de bambu, chamada taquaral ou caninha. A ponta é feita de acordo com a tecnologia de cada povo. Há aquelas flechas mais longas, cujas pontas são

tipo serra, muito usadas para a pesca. Outras pontas são feitas com a própria madeira da flecha. Alguns povos colocam ossos e mesmo dentes de animais. Há aquelas flechas que praticamente não têm ponta, mas uma espécie de esfera, usada na caça aos pássaros. O objetivo é abater a ave e evitar ferimentos na pele ou danos às plumas e penas. Há também um outro armamento semelhante ao arco, com o qual se arremessam pedras, chamada bodoque.

A necessidade do uso no dia-a-dia levou os povos indígenas à criação de uma variedade imensa de tipos de arcos, flechas e pontas de lança. Antropólogos acreditam que o arco e flecha é o instrumento mais expandido entre os povos indígenas. Os numerosos detalhes técnicos de fabricação, utilização e ornamentação tornam complexo o estudo antropológico dos tipos de arco e flecha em cada tribo. Numa mesma tribo, etnólogas como Berta G. Ribeiro e Wilma Chiara se depararam com diferentes tipos, de

Brasil Indígena V. 1 Nº 2  
 Data: Jan. - fev. / 2004 PG. 37-38  
 Ano: 1994

acordo com as situações.

Os povos xinguanos, no estado de Mato Grosso, são exímios praticantes da pesca com arco e flecha. Na caça de animais de pequeno, médio e grande porte, todos os povos indígenas utilizam o arco e flecha, apesar de, hoje, alguns já estarem substituindo-os pela arma de fogo.

Na preparação de seus jovens, os guerreiros Ashaninka, que habitam o sudoeste do estado do Acre, fronteira com o Peru, bem como os Gavião-Parakatejê, da Reserva Mãe Maria, no sul do estado do Pará, praticam um exercício de lançamento de flecha em que o "alvo" é um guerreiro, que, com sua destreza, concentração e habilidade, pára a flecha, chamada apânare, com as mãos.

Os Xavante também têm um exercício semelhante, o qual praticamente não é mais usado em nossos dias. Consiste no arremesso da flecha no sentido horizontal e aparo com a mão, antes de cair ao chão. Os Guaikuru, valentes guerreiros, que desapareceram no começo do século passado, foram o único grupo indígena de que se tem notícia no continente que eram exímios atiradores de arco e flecha, em movimento, montados a cavalo.

Há também exercício de arco e flecha de habilidade, praticado pelos Parakatejê, (Gavião) no qual eles utilizam a folha de palmeira, apoiada sobre duas madeiras fixas ao solo. O guerreiro se distancia aproximadamente 20 metros, arremessando a flecha em direção à folha da palmeira, flecha cuja a ponta acerta exatamente o caule, resvalando e ganhando velocidade em busca do seu alvo, chamado de Kaipy. Entre esse povo existe a prática de arremesso a distância, praticado também pelas mulheres. Entre muitas tribos, pratica-se o exercício de precisão, utilizando frutos nativos como manga e laranja, assim



como o caule da bananeira e outros.

A prática como esporte

A primeira atividade no âmbito esportivo intertribal de que se tem notícia ocorreu em 1997, no "I Jogos dos Povos Indígenas", realizado em Goiânia. A iniciativa, idealizada pelo índio Carlos Terena, resultou do patrocínio do Ministério dos Esportes e da parceria com o governo do estado de Goiás, o Comitê Intertribal e o apoio da FUNAI.

Nessa primeira edição dos Jogos Indígenas foram usadas as flechas cedidas pela organização dos jogos, não havendo um grande aproveitamento na precisão dos lançamentos. Nos outros jogos, que se seguiram nas cidades de Guairá -PR (1999) e Marabá-PA (2000), cada competidor trouxe os seus próprios arcos e flechas.

Segundo Terena, o fato de o atleta trazer seu próprio equipamento facilitou muito para cada competidor e possibilitou o uso mais apurado deste,

pois, sendo um objeto de uso pessoal, permitiu o exercício da técnica apurada de cada guerreiro no retesamento da corda, na calibragem da flecha e na habilidade de seu lançamento.

Terena explicou que a variedade de arcos e flechas tem um único objetivo, que é o alvo. Para associá-lo às culturas, os índios se reuniram e resolveram criar o desenho de uma anta, para ser utilizado como alvo, uma vez que este é um animal muito caçado tanto no Centro-Oeste, como no Sul "I Jogos de Goiânia" e "II em Guairá, no Paraná" e de um peixe, tucunaré, em Marabá, onde os Jogos foram realizados na beira do rio Tocantins, praia do Tucunaré.

Como repercussão dos Jogos Indígenas, a Federação Mato-grossense de Tiro com Arco criou, de 4 a 7 setembro de 1999, em Belo Horizonte, MG, o "I Campeonato Estadual de Arco Nativo", em Belo Horizonte MG, e convidou os índios Gavião, do estado de Rondônia, e os Xavante, de Mato Grosso, a participarem. Na competição, todos os atletas concorrentes, inclusive os não-índios, têm de utilizar arcos nativos, confeccionados pelos indígenas. No período de 2 a 5 de novembro, realizou-se, na Chapada dos Guimarães/ MT, o "II Campeonato Brasileiro de Arco Nativo", agora com a presença de 15 povos indígenas.

Com essas experiências, abriu-se um canal de conversação junto ao Presidente da Confederação Brasileira de Tiro com Arco, com vistas no aproveitamento dessas habilidades indígenas, no sentido de preparar os atletas com as técnicas apuradas, a fim de viabilizar sua participação em Jogos Olímpicos.

